

# Os espaços da Fundação

A Fundação Cultural do DF e a Funarte são os dois organismos oficiais mais importantes da cidade. Dirigido por Carlos Fernando Mathias a Fundação Cultural detém 80% dos espaços culturais da cidade. Pertencem a sua área da ação o Teatro Nacional, com três salas de espetáculo (Villa-Lobos, 1300 lugares; Martins Penna, 400 e Alberto Nepomuceno 80), três galerias de arte (situadas em seu anexo); o conjunto cultural da 508 Sul (Escola Parque, 700 lugares; Teatro da Praça (em Taguatinga) e os auditórios da rede de ensino de I e II Graus. Fora da ação da FCDF, a cidade conta com cinco teatros: o Dulcina, pertencente à Fundação Brasileira de Teatro (da qual Carlos Mathias é conselheiro-presidente); o Garagem do Sesc (meio desativado desde a saída de Maria Duarte); o Rolla Pedra, de Taguatinga e o Alvorada, pertencente a colégio de mesmo nome.

Carlos Mathias dirige a Fundação Cultural desde 1979. Em março próximo, com a mudança do governo federal, Brasília terá novo governador. O PMDB-DF promove, no próximo domingo, dia 8, Plenária Democrática, quando discutirá a sucessão no Governo do Distrito Federal. Além de um programa para o chefe do executivo local (o Partido tem com certa vitória de Tancredo Neves), o PMDB discutirá programas e nomes para secretarias de governo e as principais fundações. Para a FCDF, os nomes mais recorrentes nas conversas políticas são os do embaixador Wladimir Murtinho (ex-secretário de Educação e Cultura do DF); Ferreira Gullar (primeiro diretor da Fundação); Maria de Sousa Duarte (responsável, nos anos 70, pelo NUTRE-SESC), Luis Humberto, arquiteto; fotógrafo e ex-professor da UnB, entre outros.

As grandes promoções da FCDF centram-se, historicamente, no Festival de Brasília do Cinema Brasileiro e no Encontro Nacional de Escritores. Com a gestão Mathias, duas áreas assumiram papel de destaque: a Orquestra do Teatro Nacional e Temporada Lirica do mesmo teatro. A aliança entre a Educação e a Cultura gerou o Projeto Platéia, programa de resultados duvidosos, que traz mais questionamentos que satisfações. Áreas como o teatro, a música popular, a dança assumiram caráter secundário. As artes plásticas produzem resultados numéricos espantosos, já que a Fundação programa seis galerias.

## FUNARTE

Henriqueta Borba, diretora da Funarte, é capixaba. Antes de chegar a Brasília, em 1975, ela passou pelo Rio de Janeiro. Aqui, assumiu o escritório regional da Funarte (com sede no Setor de Difusão Cultural, atrás da Torre de Tv, emprestada pela Fundação Cultural do DF) em agosto de 1981.

De lá para cá, na opinião de muitos brasilienses, a Funarte transformou-se num escritório

burocrático, que abriu mão de seus mais dinâmicos colaboradores: Carmem Silvia, Alvin Barbosa, Lina Tâmega del Pezzo, entre outros.

Henriqueta não concorda: "a Funarte-Brasília é, hoje, um organismo mais bem organizado; que polemista. Para nós, a polêmica deve ser ouvida, mas não devemos nos esquecer de que nossa obrigação é promover atividades e documentar a memória da ação cultural no Centro-Oeste".

Aliás; o escritório brasiliense da Funarte é o único da região centro-Oeste, devendo por isto, cuidar do incentivo da produção nos estados de Goiás, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e DF. Na realidade, o escritório só atende Brasília, e a muito custo. São raras as promoções que congreguem os quatro estados. Quando acontecem, elas o fazem na área das Artes Plásticas, graças ao Documento de Arte Contemporânea do Centro-Oeste. Os dois últimos; depois de muita discussão, foram vocacionados para a Fotografia (o V) e a Tecelagem (o VI). A Funarte não promove feiras regionais de música, não fomenta o teatro dos quatro estados (argumenta que isto é função do Instituto Nacional de Artes Cênicas, que só agora começa a se fazer presente em Brasília ocupando uma sala na Fundação Nacional Pró-Memória) e ignora, solenemente, o cinema regional (quem tentou suprir tal setor foi a ABD-DF, com o II Festival do Filme Brasiliense que contou com autores goianos e mato-grossenses).

Na época em que a Funarte era presidida por Roberto Parreira (atual presidente da Embrafilme), o escritório brasiliense conheceu movimentação rara: lá, além da "Terças Musicais" (música erudita), havia "Quartas Cinematográficas", shows de quinta a domingo; salões de humor e caricatura, atividades literárias e leituras dramáticas de peças. Hoje, a Funarte se restringe às "Terças Musicais", a shows de sexta a domingo (houve ano em que os shows dominicais foram suprimidos para não haver pagamento extra de funcionários) e a exposições nas Galerias Oswald Goeldi e Nair de Tefee.

A programação musical é a espinha dorsal do escritório brasiliense. Sua atração maior é o Projeto Pixinguinha, genial criação da dupla Roberto Parreira/Herminio Bello de Carvalho, que este ano chegou à sua sétima edição. Para Henriqueta Borba, porém, a atividade mais importante do escritório é o Verão Funarte, que reúne o melhor da produção brasiliense a convidados vindo do eixo Rio-São Paulo.

Para as próximas semanas, Henriqueta destaca duas promoções: a Primeira Vidio-Arte, que começa hoje e a I Feira do Disco Independente de Brasília, que vai gerar, inclusive um catálogo-documento: antes de colocar seu cargo à disposição, no dia 15 de março de 85, Henriqueta promoverá o Verão Funarte, que começa na últimas semanas de fevereiro, após o carnaval.